



KRATOS E BIA: PATRIMONIALISMO E BARBÁRIE NA REPÚBLICA ARGENTINA

Alexandro F. Souza
Graduado em Filosofia – UFJF
Aluno do Curso de Especialização em Ciência da Religião – UFJF
Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – UFJF
alephsouza@gmail.com

Nas narrativas mitológicas gregas, para assegurar o seu reinado, *Zeus*, o Senhor do Olimpo, se faz acompanhar sempre por *Kratos* e *Bia*, Poder e Violência. A lealdade dessas duas figuras, assim como a eficiência dos titãs irmãos, fazem com que o *Cronida* esteja sempre acompanhado por *Niké*, a Vitória. Como senhor do *Cosmos*, Zeus julga a seu talante amigos e inimigos, distribuindo benesses a um e castigos a outros. Famosa é a narrativa do castigo de Prometeu, feito prisioneiro por desobedecer à vontade de Zeus, o déspota olímpiano. Duramente castigado, Prometeu se torna o símbolo dos subjugados por uma força excessiva e tirânica.

Essas breves palavras sobre o mundo dos olímpianos servem-nos de introdução para o tema que intentamos aqui abordar. Da Grécia Antiga e do

Olimpo vamos ao Pampa argentino, buscando abordar o fenômeno do patrimonialismo caudilhista na formação da República Argentina. Em tal tarefa teremos como guia a obra *Facundo: Civilização e Barbárie no Pampa Argentino*, de Domingo Faustino Sarmiento (1811 - 1888).

Escrita no Chile em 1845, em formato de folhetim para o periódico *El Progreso*, a obra de Sarmiento, *Civilización i Barbarie: Vida de Juan Facundo Quiroga i Aspecto Físico, Costumbres i Ábitos de la República Argentina*, ou simplesmente *Facundo*, é um misto de romance folhetinesco e ensaio social; psicologia humana e panfleto contestador. Nela Sarmiento realiza o estudo da vida do caudilho Dom Juan Facundo Quiroga (1778 - 1835), uma das colunas responsáveis pela unificação, à base da violência e do terror, do território argentino. Mas não só da vida de Juan Facundo Quiroga, *El Tigre de los Llanos*, se ocupa a obra de Sarmiento. *Facundo* não é apenas a descrição da vida do caudilho terrível; é a descrição da política patrimonial caudilhista que toma de assalto a Argentina pós-independência. É a luta entre dois princípios opostos, a luta do espírito do pampa - genuinamente americano -, contra o espírito das Luzes, o espírito da civilização européia.

Essa é a perspectiva do autor, que já no título de sua obra, *Civilización i Barbárie*, deixa manifesta a sua intenção de contrapor o espírito civilizado europeu ao espírito bárbaro do pampa, encarnado na terrífica figura do *gaucho malo* Dom Juan Facundo Quiroga.

Na leitura da obra, três personagens se destacam: *Facundo*: o caudilho que empresta seu nome à obra; *Dom Juan Manuel de Rosas* (1793 - 1877) *El Restauradro de las leyes*; e *Domingo Faustino Sarmiento*, o argentino exilado de sua pátria, o Prometeu argentino, inimigo do governo que lança mão da pena par denunciar o descalabro do despotismo caudilhista de Rosas.

A maior parte da obra cabe à narrativa dos feitos de Facundo Quiroga, mostrando como, através da terror, o caudilho consegue costurar uma unidade

entre as províncias do interior da Argentina. Facundo Quiroga é o arquétipo do caudilho, do *gaucho malo*, representante do espírito bárbaro do pampa. Aveso a qualquer forma de civilização, Facundo procura destruir, pelos meios mais cruéis, o espírito da cidade iluminada pela sabedoria européia. Por mais de uma vez Sarmiento procura ligar o Pampa à Ásia, comparando o habitante das planuras da República Argentina e os seus costumes ao habitante das estepes asiáticas e, muitas vezes, o retrato que Sarmiento nos pinta de Facundo é por demais próximo de líderes asiáticos como Gengis Khan:

Facundo é um tipo da barbárie primitiva: não conheceu sujeição de qualquer gênero; sua cólera era a das feras; a melena de seus anelados e negrejantes cabelos caía-lhe em guedelhas sobre a testa e os olhos, como as serpentes da cabeça de Medusa; sua voz enrouquecia-se, suas miradas convertiam-se em punhaladas¹

O caudilho terrível, o *Tigre de los Llanos* encontra a morte pelas mãos de um outro caudilho, Rosas, que tornar-se-á o caudilho-mor, Presidente da República Argentina. Tal caudilho, Dom Juan Manuel de Rosas, compreende que, para manter-se no poder, o barbarismo do pampa necessita apreender algo da racionalidade européia, tornando-se ele, então, uma espécie de déspota esclarecido das planuras do Pampa.

Características do Patrimonialismo Caudilhista segundo o Facundo

Buscaremos traçar agora um pequeno retrato do patrimonialismo caudilhista tal como aparece no *Facundo* de Faustino Sarmiento. Para a realização de tal tarefa usaremos como referência o opúsculo *Patrimonialismo e a Realidade*

1

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo; Civilização e Barbárie no Pampa* Argentino, p. 97.

Latino-americana, recém lançado, do prof. Ricardo Vélez-Rodríguez. Nessa obra, o autor define o patrimonialismo como uma corrupção do Estado que, de instância pública torna-se uma empresa privada:

Ora, a essência do Estado, no seio da tradição patrimonialista, consiste na sua privatização em benefício de uma minoria, que não constitui propriamente uma classe, mas uma espécie de casta estamental, de *nomenclatura* que administra o Estado como se fosse propriedade sua. A essência do patrimonialismo é a corrupção da noção de Estado como esfera do público, do que tange ao bem comum, ao bem-estar dos cidadãos, à defesa dos seus direitos inalienáveis à vida, à liberdade e às posses, como rezava o credo liberal de John Locke. Quando o Estado é privatizado em benefício exclusivo de uma parcela da nação, ocorre sua corrupção. O resto é consequência disso. O uso e abuso do dinheiro público para enriquecimento individual ou da família, o tráfico de influências, a manipulação de informações privilegiadas por parte dos governantes e seus assessores, etc².

Na citação acima, Vélez-Rodríguez sintetiza o espírito do patrimonialismo caudilhista presente no *Facundo*. Sarmiento descreve-nos um Estado tomado pela força dos caudilhos e controlado como uma estância de gado. Facundo Quiroga, López e Rosas são só alguns nomes que se destacam entre uma miríade de governadores de província que gestam a coisa pública da mesma forma que administram os seus gados e peões. Os caudilhos não estão a serviço do Estado, são, eles próprios, o Estado. Os seus nomes são os nomes do Estado e todo o poder do Estado repousa sobre as suas mãos. Rosas, quando aclamado *El Restaurador de las Leyes*, exige a *suma* do poder público. Como diria o *roi soleil*, *le etat c'est moi!*.

² -VÉLEZ-RODRIGUEZ, Ricardo. Patrimonialismo e a Realidade Latino-americana, p. 73/74.

No início do Facundo, Sarmiento realiza uma tipologia do homem que habita os pampas. Através do estudo da terra e homem que a possui, Sarmiento procura levantar a psicologia do caudilho dos pampas. Ao descrever o sistema de justiça caudilhista, Sarmiento oferece-nos um quadro assaz interessante do Estado encarnado numa única pessoa:

A justiça que administra é de todo arbitrária; guiam-no sua consciência ou suas paixões, e suas sentenças são inapeláveis. Acontece, às vezes, de haver juízes destes que o são por toda a vida e que deixam uma memória respeitada. Mas, o conhecimento dos meios empregados e do caráter arbitrário das penas, formam idéias no povo sobre o poder da *autoridade* que mais tarde vêm produzir seus efeitos. O juiz se faz obedecer por sua reputação de audácia temível, por sua autoridade, seu juízo em formas, suas sentenças, seu *eu é que mando* e seus castigos inventados por ele mesmo. O resultado disso, dessa desordem, quem sabe por muito tempo inevitável, é o caudilho, que quando chega a se levantar numa revolta, possui já, sem contradição e sem que seus sequazes o duvidem, o poder amplo e terrível que só se encontra nos povos asiáticos³.

O comandante de campanha Facundo Quiroga, pelo terror, conseguiu unificar as províncias do interior. Tais províncias submeteram-se ao jugo do caudilho e de sua ética da estância. O povo, subjugado e aterrorizado pelo *cuchilo* do gaúcho, obedece cegamente ao dono do poder. Diante do sanguinário Leviatã, o tecido social se desfalece; não há mais sociedade, o regime da estância de gado pôs abaixo toda forma de representatividade democrática. Vélez-Rodriguez, em seu já citado opúsculo, salienta que, “as sociedades submetidas aos Estados patrimoniais possuem um tecido social muito frágil, que as torna perpétuas caudatárias deles. O autoritarismo dos ‘donos do poder’, essa é a nota

³ SARMIENTO. Op. Cit., p. 64.

característica da política latino-americana, ao longo dos cinco séculos de nossa história”⁴.

Com o poder nas mãos, os donos do Estado orientam a *machina* político-administrativa para a satisfação de seus desejos que, na maioria das vezes, passam ao largo dos interesses da sociedade. Assim Facundo, quando se torna o caudilho temível, o dono das províncias do interior da República Argentina, monopoliza o comércio de gado, se tornando o maior estancieiro dos pampas; por sua vez Rosas monopoliza o porto para enriquecimento próprio e de seus aliados. Mais uma vez recorreremos à Vélez-Rodrigues para com ele afirmar que:

O Estado, embora mais forte do que a sociedade não constitui, propriamente, uma instância pública, projetada para o bem-estar dos cidadãos. O aparelho estatal, pelo contrário, tende a ser privatizado em benefício dos governantes, do estamento burocrático e dos segmentos sociais cooptados por eles. As classes sociais possuem, no contexto das sociedades latino-americanas e nas demais sociedades regidas por Estados patrimoniais, características próprias que as diferenciam das classes sociais no seio das sociedades regidas por Estados contratualistas⁵.

Escrevendo *Facundo*, Domingo Faustino Sarmiento buscava oferecer possibilidades de saída do regime caudilhista do terror que se apoderara da Argentina. O livro foi escrito dez anos depois da morte do personagem título, no auge do governo de Juan Manuel Rosas. Evocando o espírito de Facundo Quiroga na introdução do livro, Faustino Sarmiento procura analisar Rosas e seu governo, a luta entre a barbárie do Pampa e as luzes da Cidade.

Domingo Faustino Sarmiento tornar-se-á presidente da República da Argentina em 1868. Seu governo, concluído em 1875, marcou-se pela modernização da Argentina e pelo liberalismo democrático. Sarmiento investiu pesadamente em

⁴ VÉLEZ-RODRIGUEZ. Op. Cit., p. 67.

⁵ Ibidem, p. 69.

educação, elevando a população escolar de trinta para cem mil alunos; incentivou a imigração e o comércio, além de investir na infra-estrutura do país. Na terceira parte* de *Facundo*, Faustino Sarmiento esboça diretrizes que, mais tarde, seriam as diretrizes de seu próprio governo:

Porque *ele* [Rosas] durante quinze anos não tomou uma só medida administrativa para favorecer o comércio interior e a indústria nascente de nossas províncias, os povos se empenharão em desenvolver os seus meios de riqueza, suas vias de comunicação, e o *novo governo* consagrar-se-á ao restabelecimento dos correios e a assegurar os caminhos que a natureza abriu por toda a extensão da República.

(...) Porque *ele* perseguiu o nome europeu, e hostilizou a imigração de estrangeiros, o *novo governo* estabelecerá grandes associações para introduzir a população e distribua-la em territórios à beira de imensos rios, e em vinte anos acontecerá o que na América do Norte aconteceu no mesmo tempo: se levantaram cidades, províncias e Estados nos descampados em que pouco antes se alimentavam os bisontes selvagens.

(...) Porque *ele* destruiu os colégios e tirou as rendas das escolas, o *novo governo* organizará a educação pública em toda a República com rendas adequadas e com Ministério especial como na Europa, como no Chile, Bolívia e todos os países civilizados, porque o saber é riqueza, e um povo que vegeta na ignorância é pobre e bárbaro, como o são os da costa da África, ou os selvagens do nosso pampa⁶.

Ao regime do terror de Juan Manuel Rosas, Sarmiento contrapõe o regime da liberdade. Ao poder e à violência dos caudilhos, Sarmiento, esse Prometeu

* Originalmente *Facundo* possuía duas partes, a primeira versando sobre o Pampa e o homem que o habita, e a segunda narrando os feitos de Juan Facundo Quiroga. Esse é o folhetim, publicado no periódico chileno *El Progreso*, que se estende da Introdução ao XIIIº capítulo da obra. A terceira parte à qual nos referimos foi posteriormente acrescida à obra.

⁶ SARMIENTO. Op. cit., p. 298.

latino-americano, contrapões a razão e o Estado democrático como meio de promoção do bem-estar comum. Morto em 1888, tão pobre quanto havia nascido, Sarmiento se tornou o mestre dos mestres latino-americanos; fundador de várias escolas, defensor ferrenho da cultura, o dia de seu falecimento foi instituído como o *Dia Panamericano del Maestro*.

Referências Bibliográficas:

- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: Civilização e Barbárie no Pampa Argentino*. Tradução de Aldyr Garcia Schlee. 1º Edição. Porto Alegre: EDUFRGS/EDIPUCRS, 1996. (Coleção Engenho e Arte).

- RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Patrimonialismo e a Realidade Latino-Americana*. 1º Edição Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2006.